

EsPPA

Escola Preparatória de Porto Alegre

Juvêncio Saldanha Lemos



Há quem pense que o Decreto de 27 de dezembro de 1939 transformou o Colégio Militar de Porto Alegre (CMPA) na Escola Preparatória de Porto Alegre (EsPPA). Não. Não foi assim e nem poderia ser.



Guarda Bandeira da Escola Preparatória de
Porto Alegre - 1958
O autor é o terceiro da esquerda para a direita

A photograph of a military band performing in front of a large, ornate building. The band members are wearing white shirts, dark trousers, and white hats. They are holding rifles and a large flag. The building in the background has a clock tower and arched windows.

O Colégio Militar era, e é, uma instituição de ensino secundário administrada pelo Exército. Já a Escola Preparatória, uma Organização Militar (OM) do Exército Brasileiro, com lugar bem definido na estrutura da Força Terrestre, inclusive com Quadro de Organização e Dotação (QOD) próprio. Isto é, o citado Decreto extinguiu o CMPA e criou a EPPA.

O motivo era uma guerra no horizonte e o Exército tinha que se preparar para enfrentá-la. Nesse emergencial contexto, a destinação de recursos orçamentários à meritória manutenção do Colégio Militar deixava de ser prioritária.

O Exército viu-se na contingência de acelerar e aprimorar a formação de seus oficiais. Com a criação das Escolas Preparatórias – foram três: Porto Alegre/RS, São Paulo/SP e Fortaleza/CE - a Escola Militar do Realengo/RJ não precisaria dedicar um precioso tempo à ins-

trução básica (ordem unida, armamento e tiro, higiene, serviços gerais, leis e regulamentos disciplinares, moral e cívica etc.) dos recém-matriculados. O novo cadete já lá chegava pronto, técnica e espiritualmente, para receber os ensinamentos mais avançados. A História comprova que isso deu certo.

A denominação “Preparatória” não era inédita. Desde o tempo do Império que funcionavam cursos preparatórios anexos à Escola Militar. No próprio “Casarão da Várzea”, antes do CMPA, lá fun-

Vista panorâmica da EsPPA



Marechal José Pessoa



cionou a Escola Preparatória e de Tática de Porto Alegre onde, após um curso preparatório de dois anos (“Prepa”), o aluno prestava exame para o curso superior de Tática, findo o qual era declarado oficial. Tudo no mesmo prédio.

Na republicana Escola Militar do Realengo, os alunos do Curso Anexo eram chamados depreciativamente de “anexins”.

Com as remodelações promovidas pelo general José Pessoa, a partir de 1930, na Escola Militar do Realengo, surgiu a figura do cadete na estrutura hierárquica do Exército. Com isso, sem criar uma nova graduação, o Exército criou uma nova praça, chamada de “praça especial”. Os Alunos das Escolas Preparatórias foram incluídos nesse círculo.

Assim, o Aluno da Escola Preparatória assentava praça no Exército. E como tal, vencida etapa, recebia vencimentos, ficava sujeito aos regulamentos

e à legislação militar. Jurava bandeira e contava tempo de serviço desde a inclusão nas fileiras. Era um soldado como qualquer outro, apenas que a sua função principal era estudar.

Por muito pouco tempo, o novo estabelecimento foi chamado de Escola Preparatória de Cadetes de Porto Alegre (EPCPA). Logo passou a ser Escola Preparatória de Porto Alegre (EPPA). Com o advento do novo Regulamento de Símbolos e Abreviaturas Militares, após a 2ª Guerra Mundial, ficou definitivamente EsPPA.

A Escola aquartelou-se no histórico “Casarão da Várzea”, ocupado pelo CMPA desde 1911. Uma beleza de prédio, estilo neoclássico, concluído em fins do século XIX, hoje patrimônio histórico da capital gaúcha. Assenta em um quarteirão urbano só dele. São 160 metros por 93 metros, frente para o Parque Farroupilha (Rua José Bonifácio), fundos para a Avenida Venâncio Aires e nas laterais, as Ruas Santana e Vieira de Castro. Em cada ângulo do quadrilátero está plantado um “castelo” de dois pisos.

A presença do “Casarão” é tão marcante em Porto Alegre que ele aparece em qualquer fotografia aérea da cidade. Altivo. Majestoso. Maciço. Imponente.

Guarnecem o saguão de entrada duas magníficas estátuas, ali colocadas no ano de 1914: Marte, ou Ares, deus



“Casarão da Várzea” – Ocupado pelo CMPA desde 1911.

da guerra, empunhando a Bandeira Nacional; e Minerva, ou Atena, deusa da sabedoria, tendo às mãos uma pena de escrita. São as maiores estátuas de adorno da cidade.

Acima do saguão de entrada, o gabinete do comandante. A seu lado, o Salão Nobre. Amplo, sóbrio, pé-direito gigantesco, um ambiente que parece não ter tomado conhecimento da passagem do tempo.

No pavimento acima, o torreão, nele instalado o antiquíssimo relógio Colin, de fabricação francesa, corda para oito dias, duas faces (para a frente da Escola e para o pátio interno) e que funciona até hoje!

Coroando essa vertical, o mastro principal da bandeira.

A EsPPA era comandada por um coronel, com seu Estado-Maior e as clássicas repartições administrativas, cujo funcionamento era garantido pela tropa regular juntada na Companhia de Comando e Serviços, na época chamada CCS.

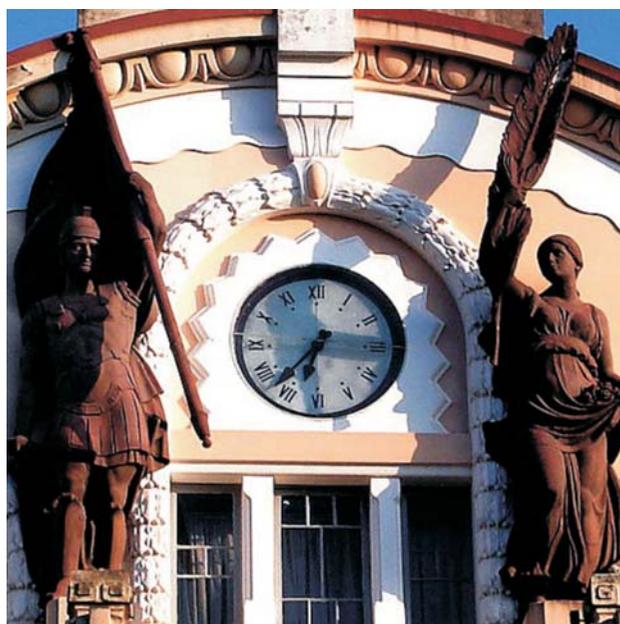
O Corpo de Alunos – a razão de ser da Escola – era comandado por um tenente-coronel. Enquadrava três Companhias de Alunos, cada uma com efetivo médio de 100 homens – um pelotão do 3º Ano, outro do 2º Ano e outro do 1º Ano. Cada Companhia tinha o seu capitão comandante, dois ou três tenentes subalternos e uma equipe de sargentos (sargenteante, furriel e auxiliares de instrução). Todo o serviço de escala ficava a cargo dos Alunos.

Olhemos de frente o “Casarão”, para lembrar como foi ocupado pela EsPPA.

No meio do frontispício, o saguão de entrada, nele o Corpo-da-Guarda e o quarto do Oficial de Dia. Avançando alguns passos, chegávamos ao pátio,



Salão Nobre



Marte ou Ares e Minerva ou Atena, ao centro o relógio Colin



Pátio



Baile do Adeus

imenso (136 x 63 metros), piso sem revestimento, no seu centro um solitário poste de ferro que servia como mastro interno (atualmente, o pátio está coalhado de canchas esportivas).

Ainda na fachada, à esquerda, 2º pavimento, o alojamento da 1ª Cia de Alunos; à direita, também no 2º pavimento, o alojamento da 2ª Cia de Alunos. O “castelo” da esquerda era a residência do coronel comandante. No “Castelo” da direita residia o capitão intendente.

Na lateral da esquerda, 2º pavimento, o alojamento da 3ª Cia de Alunos, chamado de “Barracão”; na da direita, igualmente no 2º pavimento, as instalações da CCS. Ambos esses segundos pavimentos foram construídos em 1936/1937.

Os “castelos” dos fundos eram ocupados pela Seção Técnica de Ensino e Sala dos Professores (o da

esquerda) e Enfermaria (o da direita). Não havia 2º pavimento nos fundos, isto é, frente para a Avenida Venâncio Aires. Este só surgiria em 1969/1970.

No piso térreo destacavam-se o Salão Brasil, um amplo auditório sob o alojamento da 2ª Cia e que no fim do ano, retirados os assentos, servia de salão para o tradicional Baile do Adeus. E, sob as dependências da CCS, o grande e bem ventilado Refeitório.

No restante do piso térreo espalhavam-se inúmeras salas. Eram nove salas de aula (três por ano), os gabinetes de Física e Química, a Biblioteca, a Barbearia, o Almojarifado, o Cassino dos Oficiais, as reservas de armamento (uma por Cia) e algumas outras que não lembro.

O pátio era contornado por arcadas, utilizadas para os deslocamentos nos dias de chuva. Bem, é certo que esse universo oferecia proteção e conforto. Ainda que por vezes despertasse uma desagradável sensação de confinamento.

A idade do Aluno da Escola Preparatória variava de 15 a 21 anos. Personalidades em formação.

De chegada, o Aluno do 1º Ano (“bixo”, com “x” mesmo) era testado quase que ao limite. Além das novas e



rigorosas circunstâncias que passariam a reger a sua vida e das crescentes solicitações físicas e intelectuais de que seria passivo, havia o trote. Tradicionalmente admitido como um ritual de iniciação não declarado e talvez por isso perigosamente tolerado pelos oficiais, que fingiam nada ver, o trote campeava. Estúpido nas primeiras semanas, ia amainando até o dia 25 de agosto, quando havia a cerimônia de Jramento à Bandeira e a *bixarada* adquiria um novo *status* na Instituição. Mas o respeito aos Alunos mais antigos já estava definitivamente instalado nos corações e mentes dos primeiro-anistas. Para o resto da vida.

Na comunidade dos Alunos, em toda e qualquer situação, quem mandava era o 3º Ano. Mandava mesmo e com moral. A figura do Aluno do 3º Ano era respeitada de maneira incontestada, fosse ele quem fosse, estivesse onde estivesse. Tal reconhecimento era um dos mais tradicionais constitutivos do peculiar funcionamento da EsPPA. E só podia ser, pois toda a direção do serviço interno do Corpo de Alunos era atribuição do 3º Ano: Auxiliar do Oficial de Dia, Sargento de Dia às Companhias, Comandante da Guarda, Chefes de Turma, Chefes de sala, Chefe de mesa de rancho, Chefes de qualquer coisa...

A diferença dos terceiros-anistas para os Alunos dos demais anos era abissal. Só eles tinham a honra de ser chamados “veteranos”. Os Alunos do 2º Ano eram “calouros”, uma espécie de *bixo* melhorado, isenta de trote.

Os veteranos, tradição que passava de uma para outra geração, sabiam mais, tinham mais experiência, ensinavam e davam exemplo. Honravam o peso das três divisas na manga.



Alunos “Veteranos” no Parque Farroupilha

O Aluno da EsPPA tinha que estudar, e muito, senão se ferrava. O currículo era pesado e muito bem ministrado por um excepcional quadro de professores do Magistério do Exército. Iasse a fundo nos programas, cujas matérias eram:

1º Ano: - Aritmética, Português, Francês, História e Geografia.

2º Ano: - Álgebra, Trigonometria, Geometria, Física, Química, Português, Inglês e Desenho.

3º Ano: - Complementos de Matemática (Teoria dos Erros, Derivadas, Cálculo Diferencial, Cálculo Integral), Geometria Descritiva, Física, Química, História Natural, Desenho Técnico, Português e Espanhol.

Deve ser dito, e enfatizado, que o aproveitamento dos Alunos era cobrado com inclemência. Não se brincava nessa área. Quem facilitou, ficou pelo caminho.

Na EsPPA vivia-se uma escrupulosa rotina. Disciplina prussiana e cronometragem suíça das atividades.

Alvorada às 06:00 horas. Arrumar a cama, higiene pessoal (os banheiros, anexos aos alojamentos, eram espaçosos, com muitas pias e vasos sanitários, atendendo sem atropelos à centena de Alunos sonolentos que os invadiam), fardar-se e descer para a formatura do café. Tudo isso sob os berros do pessoal de serviço. Ai de quem se atrasasse.

Para o rancho – café da manhã, almoço, jantar e ceia – as companhias formavam no centro do pátio em coluna por seis, lado a lado na altura do mastro, sob o comando dos respectivos Sargentos de Dia. Às 06:20 horas, o corneteiro tocava o avançar. As companhias marchavam ao passo ordinário até a frente do refeitório, onde as aguardavam os Auxiliares do Oficial de Dia. Feitas as apresentações e eventuais contagens do efetivo, os Alunos entravam no salão e ocupavam o lugar de sempre na mesa de sempre, permanecendo de pé atrás das cadeiras. Ao comando de “Rancho à vontade” sentavam. O Oficial de Dia e os seus três Auxiliares rondavam o ambiente, já então uma vibrante algaravia.

Em seguida, muito em seguida, a formatura matinal.

Ainda sob o comando do Sargento de Dia, as companhias formavam em coluna por seis, em linha frente para o Pavilhão de Comando. O dispositivo dessa formatura era, da direita para a esquerda: Banda de Música, guarnição que entrava de serviço (“parada”), 1ª Cia, 2ª Cia e 3ª Cia.

Os capitães recebiam a apresentação das suas companhias e passavam uma revista pessoal nos seus Alunos: cabelo cortado, barba feita, calçados engraxados, uniforme limpo e passado, a fivela do cinto brilhando, corpo na vertical. Muito mais rigorosa era a revista que o Oficial de Dia passava na “parada”.

A seguir acontecia a cerimoniosa entrada do comandante do Corpo de Alunos no pátio. Partia do saguão e marchava solenemente até o centro do pátio próximo ao mastro. Ali recebia a apresentação das companhias pelos capitães, algumas vezes perorava e então determinava qual a canção a ser cantada no dia (Hino Nacional, Hino à Bandeira, Canção da Escola, Canção da Infantaria, Avante Camaradas etc.).

A Canção da Escola, decorada logo nos primeiros dias, era um hino vibrante e guerreiro:

*“Somos espadas de um povo
altaneiro*

*Somos escudo de grande nação
Em nossos passos marcham
guerreiros*

Rebrilha a glória em um pendão

A nossa Escola forja esta grandeza

Temos no peito amor varonil

Nas nossas cores toda a natureza

Nós somos filhos do Brasil

Salve o Brasil – EPPA

Salve o Brasil – EPPA

No valor de nossos avós – EPPA

Salve o Brasil – EPPA

Salve o Brasil – EPPA

Na bravura de seus heróis.”

Seguia-se a rendição da parada e o desfile em continência ao comandante do Corpo de Alunos, os oficiais em linha formados à sua retaguarda.



Formatura
no pátio

Terminado o desfile, todos para as salas de aula, que começavam às 07.00 horas. O último tempo da manhã era dedicado à Educação Física, as companhias deslocadas para o Estádio do Parque da Redenção.

Depois, banho e formatura para o almoço. A alimentação sempre foi farta e substanciosa.

Terminado o almoço e até o início do 2º expediente, às 13:00 horas, havia um período de descanso no alojamento, coisa de 15 minutos – a “hora da tora” – que era religiosamente respeitado. Nada de conversas, barulhos e trotes no alojamento. O silêncio era sagrado.

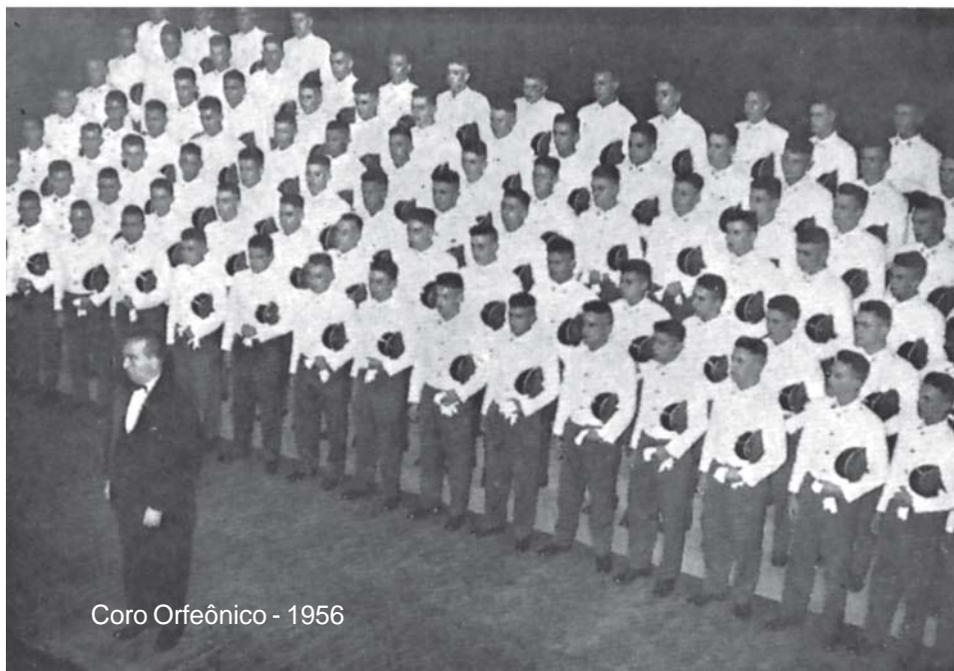
À tarde, todos nas salas de aula, ou tendo aula ou em estudo obrigatório. Não havia o caso de Aluno vagando pelas dependências da Escola durante o expediente. Inclusive, os alojamentos permaneciam lacrados.

O expediente encerrava-se com formatura nas áreas das companhias, para a leitura do boletim, da escala de

serviço e transmissão de ordens diversas. Do fim do expediente até a formatura para o jantar o tempo era totalmente livre para os Alunos. Alguns iam para o Estádio, ou para praticar esportes ou para apreciar a passagem das gurias do Instituto de Educação, que saíam do colégio a essa hora.

A Revista do Recolher era às 19:00 horas. A Revista era passada nos alojamentos, a cargo do pessoal de serviço. Não deixava de ser um momento diário de descontração coletiva sem nenhum oficial por perto. Cada Aluno entrava em forma na frente da sua respectiva cama. O sargento de Dia, no meio do comprido alojamento e aos berros, fazia a chamada individual, conforme o “Pernoite”. Lia o número do Aluno e este respondia o nome também aos berros, ou para ser ouvido ou de palhaçada mesmo. E isso se repetia uma centena de vezes. Uma coisa surrealista.

Finda a revista, tempo livre. Alguns iam estudar, outros conversar, ler, tratar dos seus assuntos pessoais. O rancho da



Coro Orfeônico - 1956



Desfile Militar - 07 de Setembro de 1959

ceia, às 21.00 horas, não era obrigatório. E ao toque de silêncio, às 22:00 horas, a grande maioria dos Alunos já estava na cama.

As sextas-feiras eram dedicadas à instrução militar, ministrada pelos oficiais e sargentos das companhias. Eram líderes muito bem selecionados.

Nos fins de semana, a saída era livre das 12:00 horas de sábado até às 24:00 de

domingo. Desde que, naturalmente, o Aluno não estivesse de serviço ou punido disciplinarmente.

Essa rotina só era quebrada para os treinamentos dos desfiles de 25 de agosto e 7 de setembro, quando a Escola brilhava, e no fim do ano, quando do período de manobras militares anuais, na região de Belém Novo.

Havia o Coro Orfeônico, um coral cujos componentes eram alunos, dirigidos pelo maestro Taveira. Os ensaios ocorriam ao longo do ano, e no final havia uma apresentação pública no Teatro São Pedro, quando todos se apresentavam com uniforme de gala e o maestro de fraque, eram muitas autoridades, os pais, os amigos e as namoradas que assistiam ao maravilhoso espetáculo.

Nesse quadro, observava-se no Aluno um confesso e confortante sentimento de estar sendo preparado para coisas maiores na vida. Aprendendo a buscar o verdadeiro sentido de palavras como Pátria, Dever, Honra, Responsabilidade, Solidariedade e por aí vai.

A Escola Preparatória de Porto Alegre foi extinta em 1961, quando o Exército decidiu centralizar na

recém-construída Escola Preparatória de Cadetes de Campinas/SP todo o seu ensino preparatório.

Mas a EsPPA resistiu na memória daqueles que tiveram a ventura de ter sido seu Aluno. Cultuam carinhosamente essa lembrança. Quando visita o “Casarão” o ex-epepeano sente aquele nó na garganta, a umidade nos olhos, aquela saudade que, como diz a música, a gente gosta de ter. De tudo e de todos daquele tempo.

GLORIOSO ESTANDARTE

RECEBEMOS-TE SEM MÁCULA, SÍMBOLO DAS IMORREDOURAS TRADIÇÕES EPEPEANAS, COMO SACROSSANTO FANAL DOS IDEAIS DE FÉ, ENTUSIASMO E AMOR PELA CARREIRA QUE ABRAÇAMOS.

TUDO FIZEMOS PARA TE MANTER NO PEDESTAL DE TUAS GLORIOSAS TRADIÇÕES, POIS, HONESTAMENTE E SEM DESCANSO, PELEJAMOS PELA CONCRETIZAÇÃO DOS IDEAIS QUE NOS INSPIRASTE E TEMOS CERTEZA, AO DEIXAR-TE SOB A GUARDA DOS COLEGAS QUE AQUI FICAM, ELES SABERÃO ZELAR, NO FUTURO, PELO TEU PASSADO DE GLÓRIAS.



JUVÊNIO SALDANHA LEMOS

Nasceu em Porto Alegre, RS, no dia 24 de janeiro de 1940. Fez os estudos preliminar e ginasial no Colégio Anchieta. Assentou praça no Exército em março de 1956, mediante concurso para ingresso na Escola Preparatória de Porto Alegre (EsPPA). Prosseguiu os estudos na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN – Resende, RJ), sendo declarado Aspirante-a- Oficial da Arma de Infantaria em 30 de dezembro de 1961 e destinado ao 17º RI (Cruz Alta, RS). Como tenente, serviu no Batalhão Suez, integrante das forças de paz das Nações Unidas, em missão na Faixa de Gaza, Egito. Serviu em guarnições da fronteira brasileira, foi instrutor da Academia Militar, oficial do Gabinete do Ministério do Exército (Brasília, DF), comandou o 8º BI Mtz (Santa Cruz do Sul, RS) e foi Chefe da 3ª Seção do Comando Militar do Sul (Porto Alegre, RS), função na qual foi transferido para a reserva, no posto de Coronel.